

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL PARA A FORMAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO DO SENSO CRÍTICO DAS CRIANÇAS

Valquíria Dias de Almeida

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
val_magali@hotmail.com

Marcelle Bittencourt Xavier Almeida

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
bittencourt.marcelle@gmail.com

Marcus Antônio Assis Lima

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
malima@uesb.edu.br

Francisco dos Santos Carvalho

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
franciscodossantoscarvalho@gmail.com

Resumo: A proposta do presente trabalho é de se realizar uma análise e um diálogo, por meio de pesquisas bibliográficas, sobre a relevância da literatura infantil no desenvolvimento e na formação da criticidade das crianças. Para tanto, discutiremos sobre a função da escola e da família no processo de inserção e desenvolvimento da criança no mundo da leitura. Cabe considerar que é nessa fase da vida do ser humano que o mesmo começa a aprimorar e desenvolver a concepção que tem de si mesmo e do outro, do que é certo ou errado, e por isso, é extremamente importante o contato que o indivíduo tem com a literatura desde a infância para desenvolver o senso crítico. Autores como Abramovich (1997), Sandroni & Machado (1998), Ariès (2006), entre outros, dedicaram à essa temática, contribuindo assim, com inúmeras propostas teóricas que nos trouxe a orientação na perspectiva de estudo para a elaboração deste trabalho.

Palavras-chave: Criticidade. Leitura. Literatura infantil.

Introdução

A leitura e suas contribuições para o desenvolvimento do sujeito já foram motivos de várias análises e publicações por parte de estudiosos da área, no entanto, ainda nos cabe a seguinte indagação: se a leitura é tão importante na formação e no desenvolvimento do ser humano, de que

forma significativa contribui ela para o desenvolvimento da criticidade nas crianças? Tendo em vista que muitos estudiosos, como Paulo Freire (1994) e Abramovich (1997), são taxativos em afirmar que a leitura desenvolvida e trabalhada de forma adequada é primordial para o desenvolver a criticidade do aluno, se faz necessário investigarmos, por meio de pesquisas bibliográficas, as contribuições e os mecanismos pedagógicos adequados e necessários para o aprimoramento da criticidade das crianças.

Outro ponto bastante discutido é a participação e as contribuições da família na inserção e no desenvolvimento do aluno no mundo da leitura, por isso, discutiremos sobre os incentivos familiares nesse processo de descoberta da leitura e criticidade das crianças. É importante também destacar a mola mestre de todo esse processo, a escola e seu ambiente educacional e os organismos didáticos que possibilitam que, aliando-se a Literatura Infantil, Família e Escola, favoreçam, portanto, a um ambiente de aprendizagem e criticidade para as crianças.

Para tratarmos de tais fatos utilizaremos como embasamento para o nosso trabalho, pesquisas bibliográficas, guiando-nos por especialistas no tema.

A literatura infantil

A literatura infantil vista por muitos, erroneamente, apenas como distração para o público infantil, ou uma forma dos pais entreterem seus filhos antes de dormirem com contos e lendas fantasiosas, é na verdade um notável instrumento para o desenvolvimento da leitura, escrita, e criticidade das crianças, auxiliando na sua formação cognitiva, ética, social e moral. No entanto, os livros direcionados para crianças só surgiram em meados do século XVIII, através de renomados autores como Charles Perrault, La Fontaine, que escreviam suas obras destacando sobretudo os contos de fadas. No período anterior a esse, as crianças eram inseridas de forma igualitária ao mundo dos adultos, e não era dada às crianças dessa época a oportunidade de sonharem, por conta da ludicidade e das fantasias serem criadas anos depois, com a chegada da literatura infantil. As mesmas eram submetidas e obrigadas, pelo convívio com outros adultos, a se tornarem adultos também.

Neste contexto, as crianças se tornavam uma imitação dos adultos e não desenvolviam a sua própria leitura de mundo e de si, tornando-se meras reproduzidas do que pensava e impusera a sociedade da época, haja visto que não havia espaço neste contexto, de criação e desenvolvimento infantil, para a criticidade e a imaginação. Como afirma Ariès:

A transmissão dos valores e dos conhecimentos, e de modo mais geral, a socialização da criança, não eram, portanto nem asseguradas nem controladas pela família. A criança se afastava logo de seus pais, e pode-se dizer que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las (ARIÈS, 2006, p. IX).

Do século XVIII até os dias atuais, a literatura infantil foi conquistando o seu espaço e mudando o direcionamento literário de suas histórias e assumindo um papel importante na formação crítica e social das crianças. Logo no começo de sua criação e comercialização, os livros eram escritos apenas com o caráter educacional de ensinar por meio de histórias sobre o certo e o errado, o bem e o mal e sobre o moral e amoral. As histórias eram desenvolvidas basicamente em uma linha moralista e de centralização do poder. Essa condição se estendeu até meados do século XX, quando a literatura infantil ainda apresentava, em suas concepções, mecanismos que possibilitavam aos adultos moldarem as crianças de acordo com a leitura de mundo feita por eles e não pelas crianças. Nesta época, ainda não havia espaço para a ludicidade e a imaginação criativa e nem para uma literatura que falasse a linguagem do cotidiano das crianças ou de seus sonhos.

Essa realidade só veio a se modificar nos anos 70 com a revalorização da literatura infantil, revalorização essa que no Brasil contou com grande contribuição de Monteiro Lobato. Neste período, as histórias passaram a ser escritas e contadas de forma lúdica, dando ênfase à valorização da família, da escola e dos fatos do cotidiano infantil, como brincadeiras, conflitos raciais e até mesmo do âmbito político. E, ao chegarmos aos dias de hoje, vemos que as dimensões que a literatura infantil atingiu se tornaram muito mais amplas. Abramovich nos diz que:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...] É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem

precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Para a autora, a literatura tem a capacidade de fazer com que a criança visualize de forma transparente as histórias contadas, e que assim, entendam de forma mais ampla e clara o mundo, os sentimentos, medos e temores que sentem. A literatura atuará na construção da concepção que a criança tem do mundo, do outro e de si própria.

Neste sentido, quanto mais cedo à criança for apresentada ao mundo literário, melhor e mais rápido se desenvolverá o seu gosto pela leitura. Abramovich ainda ressalta em seu livro “Literatura Infantil Gostosuras e Bobices” que:

Esses livros (feitos para crianças pequenas, mas que podem encantar aos de qualquer idade) são sobretudo experiências de olhar... (...) E é tão bom saborear e detectar tanta coisa que nos cerca usando este instrumento nosso tão primeiro, tão denotado de tudo: a visão. Talvez seja um jeito de não formar míopes mentais (ABRAMOVICH, 1997, p. 10).

Nota-se, na referida citação, que para a autora os livros infantis não encantam somente as crianças, mas a pessoas de qualquer idade e os mesmos são valiosos instrumentos de auxílio na formação de sujeitos, não voltados para miopia mental que assola cada vez mais a juventude, e sim com a capacidade de se posicionarem e argumentarem criticamente perante a todas as situações vividas.

A função da família na inserção literária das crianças

A presença da família se faz de grande relevância em todo o decorrer de nossa história e de nossa formação como seres humanos, pois com ela aprendemos valores e a viver em sociedade, é nela que desenvolvemos a linguagem, a cultura. Além de todas essas atribuições, a família também se destaca como um elemento necessário de inserção das crianças no mundo da leitura.

Todavia, cabe a nós esclarecermos que, quando falamos em família, não se trata de nos referirmos aqui, apenas à concepção conservadora de família composta por pai, mãe, filhos e demais parentes. Referimo-nos aqui a todos os tipos de formação de famílias, sejam aquelas

compostas por casais de homossexuais ou aquela constituída apenas pela mãe ou pelo pai, ou a família desenvolvida e mantida a partir dos amigos, pois afinal também se caracteriza como família. Enfim, o foco é a reflexão sobre os benefícios do incentivo e do exemplo dado pela família, seja lendo ou incentivando uma criança a ler, pois é nesta etapa que ela se encontra em total desenvolvimento cognitivo, social e moral.

Crianças que possuem em seus lares adultos que leem para elas, despertam o interesse literário de forma mais prazerosa, e assim, essa prática acaba se mantendo na fase adulta. Pois assim, como para nós adultos, para as crianças ouvir histórias é um acontecimento prazeroso, que desperta e fomenta a sua curiosidade e imaginação. De acordo com Sandroni & Machado (1998, p. 15) “os livros aumentam muito o prazer de imaginar coisas. A partir de histórias simples, a criança começa a reconhecer e interpretar sua experiência da vida real”.

Neste contexto, as crianças vão criando suas próprias histórias pelas já ouvidas, e com isso, reescrevem o que ouviram pela sua percepção das coisas e de sua imaginação, potencializando assim habilidades indispensáveis para a construção da sua identidade como sujeitos pensantes e seguros de si. Até mesmo as crianças mais crescidas ou aquelas que já sabem ler necessitam desses mecanismos para aprimorar o seu prazer pela leitura. Conforme Abramovich (1997, p. 23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”. Repetições muito próximas.

Quando essas crianças ouvem histórias, aprimoram a sua capacidade de ouvir, refletir, desenhar o que ouviram e reescreverem segundo o seu ponto de vista, realizando tarefas muitas vezes adormecidas no seu cotidiano cada vez mais atarefado de fazeres tecnológicos, que não desenvolvem a riqueza das narrativas do mundo infantil. Desta forma, proporcionar e aperfeiçoar a riqueza narrativa no cotidiano das crianças desde pequenas contribui não somente com o gosto de ler e com a escrita, mas, especialmente com a sua formação educacional, moral e social.

Neste processo de descoberta da literatura e de todo o seu mundo mágico, é vital que o adulto deixe que a criança sinta o livro, as suas páginas, e deslumbre as suas figuras com o toque, o folheie o quanto quiser, para que o contato dela com o livro se torne o mais íntimo possível, isso de acordo com o tempo de cada criança, pois a leitura não deve ser algo penoso e sim prazeroso para ela.

Segundo Sandroni & Machado (1998, p. 16), “o amor pelos livros não é coisa que apareça de repente”. As crianças necessitam de tempo e paciência para descobrir o que os livros podem oferecer para elas e o quanto o seu contato com eles é importante, pois, de acordo com Sandroni & Machado (1998, p. 12), “a criança percebe desde muito cedo, que livro é uma coisa boa, que dá prazer”. Elas se encantam com as cores, formas e figuras que mais tarde terão significação em seu mundo, e esse processo deve ser cuidadoso, a fim de não tornar algo, que seria benéfico para as crianças, em uma imposição cheia de desprazeres para elas.

Como vemos, o papel da família vai muito além de criar e dar condições de sobrevivência a seus filhos, sendo imprescindível em seu processo educacional, moral, social e de formação de caráter. Maria Augusta Sanches Rossini, autora do livro “Aprender Tem Que Ser Gostoso”, defende que:

Para educarmos um ser humano, convém saber o que queremos que ele se torne. É necessário indagar para que vivem os homens, ou seja, qual é a finalidade da vida e como ela deve ser. Nós, pais e educadores, devemos estar atentos às mudanças sociais questionando sobre a natureza do mundo e os limites fixados “para o quê” e “para que” saber e fazer (ROSSINI, 2008, p. 8).

Deste modo, percebe-se que, para formarmos verdadeiros leitores, necessitamos não somente do papel exercido pela escola. A participação da família neste processo é fundamental para conseguirmos estimular na criança não somente o ato de ler e decodificar o que está sendo lido, e sim corroborar para a construção de sujeitos sociais, críticos e mais humanos, que interajam com o que estão lendo e não desenvolvam a concepção de que a leitura é um ato penoso e ditatorial da escola e de sua família, imposto a qualquer custo.

A leitura deve ser tratada com cuidado e destreza no âmbito familiar, a fim de torná-la uma mola propulsora na construção de seres, que não se tornem míopes mentais e que saibam reagir e tomar as suas próprias decisões com um posicionamento crítico perante a vida.

A atribuição da escola e dos professores na inserção literária na vida das crianças

A escola se destaca nesse processo de inserção das crianças no mundo da literatura infantil, no entanto, assim como a família, a escola deve ser portar de forma adequada, a fim de despertar, incentivar e aprimorar o gosto pela leitura nas crianças desde pequenas. Deve-se ter o cuidado de não adotar uma postura que preze por um ensino maçante e que muitas vezes prejudica o ato tão comum em todas as crianças, da curiosidade e do querer saber mais.

Em algumas escolas, a literatura infantil ainda é utilizada erroneamente como um instrumento que não prepara os alunos para serem verdadeiros leitores e sim meros decodificadores, pois aos poucos as mesmas vão insinuando e aflorando, seja nos jovens ou nas crianças, o desgosto pelo ato de ler. Sobre isso nos diz Daniel Pennac:

Ele [o jovem] é um público implacável e excelente. Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência; estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar; acompanharem seus esforços, sem se contentarem de pegá-lo na curva; consentirem em perder noites em lugar de ganhar tempo; fizerem vibrar o presente sem brandir a ameaça do futuro; se recusarem em transformar em obrigação aquilo que era prazer, entretanto esse prazer até que ele se transforme em dever, fundindo esse dever na gratuidade de todo aprendizado cultural, fazendo com que encontrem assim, eles próprios, o prazer nessa gratuidade (PENNAC, 1993, p. 55).

Prazer esse muitas vezes estraçalhado, como bem citou Pennac, por uma prática tão corriqueira nas escolas e nos seus sistemas educacionais, a de tentar impor e colocar à prova a competência do indivíduo, fazendo com que o mesmo, muitas vezes, se desvie de seu caminho traçado, para seguir pela mão opressora do que lhe é dito e divulgado como certo, fazendo com aquilo que outrora era visto como prazeroso, se torne penoso e desanimador. Infelizmente, práticas como essa acabam por transformar futuros leitores e quem sabe escritores, em indivíduos que enxergam na leitura apenas como algo imposto pelo sistema educacional e sem finalidade e prazer.

Então, o que fazemos para mudar tais fatos? Lógico que a solução não é tão simples e imediatista como nos contos de fadas. No entanto, existem caminhos a serem seguidos e traçados, tanto pelas escolas quanto pelos professores, que podem desenvolver e promover atividades que valorizem e incentivem a prática da leitura e da escrita, deixando de lado o ensino voltado para decorar textos, e abrindo espaço para o pensar crítico e dinâmico dos alunos.

Faz-se dessa forma urgente que o professor crie mecanismos em sala de aula ou fora dela para a prática da leitura e para a valorização da mesma dentro deste contexto. A fim de preservar uma particularidade natural das crianças, o gosto pelo saber e pelo questionar, como bem nos diz Lorieri (2002, p. 42): “as crianças são filósofas por excelência; crianças bem pequenas questionam e pensam na existência das coisas”.

Essas competências devem ser desenvolvidas e aprimoradas e não podadas no processo educacional. Gadotti (2004, p. 30) se pronuncia a esse respeito, assegurando que “desenvolver, desde cedo, a capacidade de pensar crítica e autonomamente, desenvolver a capacidade de cada um tomar suas decisões, é papel fundamental da educação para a cidadania”. E essa deve ser a incumbência da educação, não o de desenvolver exércitos de meros repetidores e copiadores e sim cidadãos pensantes e críticos.

Outro ponto gravíssimo é o fato de que inúmeros professores ensinam a ler, mas não gostam de ler, como se o processo fosse algo mecânico e de fácil desenvolvimento, o que dificulta ainda mais o ato de ler por prazer e o ler corretamente, interagindo, vivendo e revivendo as histórias lidas. É necessário que o professor aguace em si o hábito e o prazer de ler, pois, como exemplo diário, não pode se tornar mero repetidor de respostas prontas. Ele deve pensar, criticar e dialogar as histórias com seus alunos e, assim, produzir o verdadeiro ato da leitura e da reflexão crítica e construtiva.

Cabe ao professor ter clareza do quanto o seu papel vai além de ensinar o seu aluno a decodificar códigos e a aprender conteúdos. Ele é vital na formação e na promoção da criticidade e no potencial dialógico desses educandos. Assim se posiciona Bakhtin:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar, etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 1992, p. 112)

Por isso, a alfabetização, a oralidade, o letramento e a leitura podem ser trabalhados em conjunto, de modo uniforme e formatado, e de maneira que englobe as relações sociais, culturais,

políticas e econômicas, nas quais os alunos estão inseridos, fazendo com que os mesmos desenvolvam a capacidade de pensar por si mesmo e dialogar com as diferentes entranhas das realidades da existência humana.

O cuidado com a utilização da literatura infantil

Até este momento, tratamos de elencar os benefícios da literatura infantil na formação e desenvolvimento das crianças, todavia, devemos ponderar com cuidado sobre os mecanismos pedagógicos a serem utilizados nessa inserção e o modo como o professor deve se portar perante algumas situações.

Tomemos como exemplo, o fato de que, muitas vezes, os livros, contos ou textos são apresentados às crianças, seja na escola ou em suas famílias, de forma fechada e acabada, postura essa que deve ser abolida pelos professores, já que o papel da leitura e do professor é possibilitar e desenvolver pela leitura, ferramentas para o desenvolvimento da criticidade.

Uma forma de utilizar-se adequadamente da literatura infantil é usufruir das fábulas. Enquanto gêneros literários elas são constituídas por diálogos curtos, tendo como personagens na maioria das vezes os animais, objetos ou as plantas, que assumem características humanas, as quais englobam sentimentos e ações, e uma moral em seu final, elemento esse que reflete sobre o ensinamento central da história.

A princípio as fábulas, assim como os demais gêneros da literatura infantil, são vistas e trabalhadas como ferramentas inofensivas na formação e no desenvolvimento das crianças, porém, deve-se ter cuidado com o modo como se aborda e trabalha essas histórias em sala de aula. Em algumas ocasiões, são trabalhadas de tal forma que não se permite que o aluno discorde do ocorrido, direcionando o seu pensamento apenas para aquele ponto de vista, ali descrito e para a noção de moral do certo e errado que o autor defende, fazendo com que o aluno apenas se identifique com a moral desenvolvida, e não dialogue ou discorde dela em momento algum.

Esse fato é extremamente preocupante, pois assim como nos diz Jean-Jacques Rousseau, em “Emílio ou da Educação”, cabe à educação mais do que o papel de instruir e, sim, de formar e desenvolver o homem como cidadão com a formação moral e política adequada. Para Rousseau,

as fábulas por mais encantadoras e poéticas que pareçam, são constituídas de fingimentos (animais, objetos e plantas que falam e sentem) e, para ele, fingimento nada mais é que mentira; e o ato de mentir, na sua concepção, não deveria ser ensinado às crianças.

No entanto, podemos nos questionar, utilizando o próprio Rousseau, se o problema não estaria situado mais no suporte teórico-metodológico tradicionalista desse gênero do que exclusivamente nos seu conteúdo e formato. Fala-nos Rousseau:

Nada é tão vão nem tão mal entendido quanto a moral pela qual se termina a maior parte das fábulas. Como se essa moral não fosse ou não devesse ser compreendida na própria fábula, de modo que a tornasse sensível ao leitor! Por que, então, acrescentando no fim essa moral, retirar-lhe o prazer de encontrá-la por si mesmo? O talento de instruir é fazer com que o discípulo encontre prazer na instrução. Ora, para isso, seu espírito não deve permanecer tão passivo diante de tudo o que lhe disserdes que não tenha absolutamente nada a fazer para vos compreender. É preciso que o amor-próprio do professor deixe sempre algum espaço para o seu; é preciso que ele possa pensar: Eu compreendo, eu entendo, eu ajo, eu me instruo (ROSSEAU, 2004, p. 345).

Não se trata aqui, com essa análise das fábulas, de desmerecer o papel dela ou de qualquer outro gênero literário da literatura infantil, mas sim de nos posicionarmos em conformidade com o que pensa Platão, que nos diz “[...] é sobretudo nessa altura que se é moldado, e se enterra a matriz que alguém queira imprimir numa pessoa” (PLATÃO, 1990, p. 87). Dessa forma, o professor ou familiares devem ter cuidado e selecionar, de forma minuciosa, o que se lê e de que forma dialogam com a criança e com o texto. O adulto deve expor suas ideias sobre a história, mas mais importante ainda é deixar que a criança crie seus próprios conceitos, mesmo que a princípio pareçam errados, pois esse “erro” gera a possibilidade de discutir e recriar o que seja fantasioso ou real, possibilitando assim que a mesma cresça em diferentes âmbitos da sua existência.

Outro aspecto relevante, seja nas fábulas ou em demais gêneros literários lidos e trabalhados em sala de aula, é que a postura adotada pelo educador seja a do diálogo e exposição de ideias, e que os textos trabalhados deixem lacunas para que a criança possa pensar por conta própria, mesmo com o auxílio de um adulto.

Desta forma, a criança estará imprimindo as suas impressões e visões de mundo sobre aquilo que se leu, tendo a possibilidade e a capacidade de recriar essas histórias lidas a qualquer

momento, apresentando suas reflexões, frustrações e indagações e, com isso, não estarão apenas lendo, mas também farão parte do texto.

Considerações Finais

O hábito pela leitura é uma prática que deve ser incentivada desde muito cedo na vida das crianças, não somente no seu ambiente familiar, mas também na escola, para que o prazer se manifeste e a frequência nas leituras seja aperfeiçoada, tanto pelos professores como por toda a comunidade escolar, prática essa que deve ser mantida em toda a caminhada do educando e mesmo em outros espaços sociais por toda a sua vida.

É perceptível também o quanto a participação e o exemplo da família, incentivando e lendo para as crianças, se tornam decisivos neste processo de desenvolvimento e de conhecimento da criança com a literatura, fazendo com que a mesma não apenas se sinta obrigada a ler ou ouvir histórias, e sim que crie um vínculo afetivo com o livro e com quem o apresentou a ela.

Cabe salientar também que há uma parcela de responsabilidade atribuída aos professores e à escola, pois ambos não são meros elementos nesta construção literária da criança, pelo contrário, são instrumentos fundamentais no direcionamento e no incentivo, para que a criança não apenas decodifique o que leu e passe a dialogar e criticar o que foi apresentado a ela; construindo, dessa forma, uma semente de criticidade, curiosidade e dúvidas.

Elementos que devem ser priorizados cada vez mais pelas escolas e pelos seus professores, a fim de que seus alunos se tornem protagonistas de suas ideias e defensores de seus pontos de vista, e não sejam apenas meros míopes mentais que tão somente repetem e reproduzem o que ouvem e leem.

Os professores precisam criar mecanismos dialógicos e didáticos para o desenvolvimento correto desses leitores mirins, a fim de torná-los leitores por prazer e não por imposição. A literatura quando trabalhada e utilizada de forma correta, respeitando os limites e o tempo de cada criança, bem como seus gostos e desejos, se constitui em uma ferramenta poderosa para educar e desenvolver a criticidade no público infantil.

Outro ponto a ser observado é que não se pode atribuir à literatura infantil como sendo o

único mecanismo capaz de promover a leitura, a escrita e a criticidade nas crianças. Existem, é claro, outras opções, como os gêneros literários diversos, as músicas, os filmes, os desenhos, entre outros. Apesar disso, não se pode renegar a infinita contribuição da literatura infantil nessa fase da formação do ser humano, que visa auxiliar no nosso desenvolvimento cognitivo, moral, cultural e social.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LCT, 2006.

BAKHTIN, Mikhail V. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 29. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da práxis**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Martin Claret, 1990.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROSSINI, M. A S. **Aprender tem que ser gostoso...** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SANDRONI, C. Laura; MACHADO, Luiz Raul. **A criança e o livro**: guia prático de estímulo à leitura. 4. ed. São Paulo: Ática, 1998